EXORTAÇÃO APOSTÓLICA  
***REDEMPTORIS CUSTOS***DO SUMO PONTÍFICE  
**JOÃO PAULO II**SOBRE A FIGURA E A MISSÃO  
DE SÃO JOSÉ  
NA VIDA DE CRISTO E DA IGREJA

*Aos Bispos, aos Sacerdotes e Diáconos, aos Religiosos e Religiosas*

*e a todos os fiéis da Igreja católica*

**INTRODUÇÃO**

1. Chamado a proteger o Redentor, *«José fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu a sua esposa»* (*Mt* 1,24).

Inspirando-se no Evangelho, os Padres da Igreja, desde os primeiros séculos, puseram em relevo que São José, assim como cuidou com amor de Maria e se dedicou com empenho jubiloso à educação de Jesus Cristo, ([1](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn1)) assim também guarda e protege o seu Corpo místico, a Igreja, da qual a Virgem Santíssima é figura e modelo.

No centenário da publicação da Carta Encíclica [*Quamquam pluries*](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15081889_quamquam-pluries.html) do Papa Leão XIII ([2](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn2)) e na esteira da plurissecular veneração para com São José, desejo apresentar à vossa consideração, amados Irmãos e Irmãs, algumas reflexões sobre aquele a quem Deus «confiou a guarda dos seus tesouros mais preciosos». ([3](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn3)) É para mim uma alegria cumprir este dever pastoral, no intuito de que cresça em todos a devoção ao Patrono da Igreja universal e o amor ao Redentor, que ele serviu de maneira exemplar.

Desta forma, todo o povo cristão não só recorrerá a São José com maior fervor e invocará confiadamente o seu patrocínio, mas também terá sempre diante dos olhos o seu modo humilde e amadurecido de servir e de «participar» na economia da salvação. ([4](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn4)) Tenho para mim, efectivamente, que o facto de se considerar novamente a participação do Esposo de Maria no mistério divino permitirá à Igreja, na sua caminhada para o futuro juntamente com toda a humanidade, reencontrar continuamente a própria identidade, no âmbito deste desígnio redentor, *que tem o seu fundamento no mistério da Incarnação.*

Foi precisamente neste mistério que José de Nazaré «participou» como nenhuma ou-tra pessoa humana, à excepção de Maria, a Mãe do Verbo Incarnado. Ele participou em tal mistério simultaneamente com Maria, envolvido na realidade do mesmo evento salvífico, e foi depositário do mesmo amor, em virtude do qual o eterno Pai «nos predestinou a sermos adoptados como filhos, por intermédio de Jesus Cristo» (*Ef*1,5).

**I**

**O CONTEXTO EVANGÉLICO**

***O matrimónio com Maria***

2. «José, filho de David, *não temas receber contigo Maria*, tua esposa, pois o que nela se gerou é obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados» (*Mt*1,20-21).

Nestas palavras está contido o núcleo central da verdade bíblica sobre São José; é o momento da sua existência ao qual se referem em particular os Padres da Igreja.

O evangelista São Mateus explica o significado deste momento, esboçando também a maneira como José o viveu. Todavia, para se compreender plenamente o seu conteúdo e o seu contexto, é importante ter presente a passagem paralela do *Evangelho de São Lucas*. Com efeito, a origem da gravidez de Maria, por «obra do Espírito Santo» - posta em relação com o versículo que diz «ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua Mãe, *desposada com José*, antes de habitarem juntos, *achou-se que tinha concebido* por virtude do Espírito Santo» (*Mt* 1,18) encontra uma descrição mais ampla e mais explícita *naquilo que lemos em São Lucas sobre a anunciação do nascimento de Jesus*: «O anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade de Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David. E o nome da virgem era Maria» (*Lc*1,26-27). As palavras do anjo: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo» (*Lc* 1,28) provocaram em Maria uma perturbação íntima e simultaneamente estimularam-na a reflectir. Então, o mensageiro tranquilizou a Virgem e, ao mesmo tempo, revelou-lhe o desígnio especial de Deus a seu respeito: «*Não tenhas receio, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho*, ao qual porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo. O Senhor Deus dar-lhe-á o trono de seu pai David» (*Lc* 1,30-32).

O Evangelista tinha afirmado, pouco antes, que, no momento da Anunciação, Maria estava desposada com um homem chamado José, da casa de David. A natureza destes *esponsais* é explicitada, indirectamente, quando Maria, depois de ter ouvido aquilo que o mensageiro dissera do nascimento do filho, pergunta: «Como se realizará isso, pois *eu não conheço homem*?» (*Lc* 1,34). E então é-lhe dada esta resposta: «O Espírito Santo descerá sobre ti e a potência do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso mesmo, aquele que vai nascer será santo e há-de chamar-se Filho de Deus» (*Lc* 1,35). Maria, embora fosse já «desposada» com José, permanecerá virgem, pois o menino, nela concebido desde o momento da Anunciação, era concebido por obra do Espírito Santo.

Neste ponto o texto de São Lucas coincide com o texto de São Mateus (1,18) e serve-nos para explicar o que lemos neste último. Se, depois do desponsório com José, se verificou que Maria «tinha concebido por obra do Espírito Santo», este facto corresponde a todo o conteúdo da Anunciação e, em particular, às últimas palavras pronunciadas por Maria: «*Faça-se em mim segundo a tua palavra*» (*Lc* 1,38). Correspondendo ao desígnio claro de Deus, Maria, com o passar dos dias e das semanas, manifesta-se, diante das pessoas que contactava e diante de José, como estando «grávida», como mulher que deve dar à luz e que traz em si o mistério da maternidade.

3. Nestas circunstâncias, «José, seu esposo, sendo justo e não a querendo expor à infâmia, *resolveu desvincular-se dela secretamente*» (*Mt* 1,19). Ele não sabia como comportar-se perante a «surpreendente» maternidade de Maria. Buscava, certamente, uma resposta para essa interrogação inquietante; mas procurava, sobretudo, uma maneira airosa de sair daquela situação difícil para ele. *Enquanto* andava «*a pensar nisto*, apareceu-lhe, em sonho, um anjo do Senhor, que lhe disse: "*José*, filho de David, *não temas receber contigo Maria, tua esposa*, pois o que nela se gerou é obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados"» (*Mt* 1,20-21).

Existe uma estreita analogia entre a «Anunciação» do texto de São Mateus e a do texto de São Lucas. *O mensageiro divino introduz José no mistério da maternidade de Maria*. Aquela que, segundo a lei, é a sua «esposa», permanecendo virgem, tornou-se mãe pela virtude do Espírito Santo. E quando o Filho que Maria traz no seio vier ao mundo há-de receber o nome de Jesus. Este nome era bem conhecido entre os Israelitas; e, por vezes, era por eles posto aos filhos. Neste caso, porém, *trata-se de um Filho que* - segundo a promessa divina*- realizará plenamente o que este nome significa*: Jesus - Yehosua, que quer dizer «*Deus salva*».

O *mensageiro* dirige-se a José como «esposo de Maria»; dirige-se a quem, a seu tempo, deverá pôr tal nome ao Filho que vai nascer da Virgem de Nazaré, desposada com ele. *Dirige-se a José*, portanto, *confiando-lhe os encargos de um pai terreno em relação ao Filho de Maria*.

«Despertando do sono, José fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu a sua esposa» (*Mt*1,24). Ele *recebeu-a*com todo o mistério da sua maternidade; recebeu-a com o Filho que havia de vir ao mundo, por obra do Espírito Santo: *demonstrou* deste modo *uma disponibilidade de vontade, semelhante à disponibilidade de Maria*, em ordem àquilo que Deus lhe pedia por meio do seu mensageiro.

**II**

**O DEPOSITÁRIO DO MISTÉRIO DE DEUS**

4. Quando Maria, pouco tempo depois da Anunciação, se dirigiu a casa de Zacarias para visitar Isabel sua parente, ouviu, precisamente quando a saudava, as palavras pronunciadas pela mesma Isabel, «cheia do Espírito Santo» (cf. *Lc* 1,41). Para além das palavras que se relacionavam com a saudação do anjo na Anunciação, Isabel disse: «*Feliz daquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que Ihe foram ditas da parte do Senhor*» (*Lc* 1,45). Estas palavras constituíram o pensamento-guia da Encíclica [*Redemptoris Mater*](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html), com a qual tive a intenção de aprofundar o ensinamento do Concílio Vaticano II, quando afirma: «*A Bem-aventurada Virgem Maria avançou no caminho da fé* e conservou fielmente a união com seu Filho até à Cruz», ([5](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn5)) «indo adiante» ([6](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn6)) de todos aqueles que, pela via da fé, seguem Cristo.

Ora ao iniciar-se esta peregrinação, *a fé de Maria encontra-se com a fé de José*. Se Isabel disse da Mãe do Redentor: «Feliz daquela que acreditou», esta bem-aventurança pode, em certo sentido, ser referida também a José, porque, de modo análogo, ele respondeu afirmativamente à Palavra de Deus, quando esta lhe foi transmitida naquele momento decisivo. A bem da verdade, José não respondeu ao «anúncio» do anjo como Maria; mas «*fez* como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu a sua esposa». *Isto que ele fez é puríssima «obediência da fé*» (cf. *Rom* 1,5; 16,26; 2 *Cor* 10,5-6).

Pode dizer-se que *aquilo que José fez* o uniu, de uma maneira absolutamente especial, à fé de Maria: *ele aceitou* como verdade proveniente de Deus *o que ela já tinha aceitado* na Anunciação. O Concílio ensina: «A Deus que revela é devida a "obediência da fé" (...); pela fé, o homem entrega-se total e livremente a Deus, prestando-lhe "o obséquio pleno da inteligência e da vontade" e dando voluntário assentimento à sua revelação». ([7](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn7)) *A frase acabada de citar*, que diz respeito à própria essência da fé, *aplica-se perfeitamente a José de Nazaré*.

5. Ele tornou-se, portanto, *um depositário singular do mistério* «escondido desde todos os séculos em Deus» (cf. *Ef* 3,9), como se tornara Maria, naquele momento decisivo que é chamado pelo Apóstolo «*plenitude dos tempos*», quando «Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher... para resgatar os que se encontravam sob o jugo da lei e para que recebêssemos a adopção de filhos» (*Gal* 4,4-5). «Aprouve a Deus — ensina o Concílio — na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. *Ef*1,9), pelo qual os homens, através de Cristo, Verbo Incarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cf. *Ef*2,18; 2 *Pe* 1,4)». ([8](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn8))

*Deste mistério divino, juntamente com Maria, José é o primeiro depositário*. Simultaneamente com Maria - e também em relação com Maria - *ele participa nesta fase culminante da auto-revelação de Deus em Cristo*; e nela participa desde o primeiro momento. Tendo diante dos olhos os textos de ambos os Evangelistas, São Mateus e São Lucas, pode também dizer-se que José foi o primeiro a *participar na mesma fé da Mãe de Deus* e que, procedendo deste modo, ele dá apoio à sua esposa na fé na Anunciação divina. Ele é igualmente quem primeiro foi posto por Deus no caminho daquela «peregrinação da fé», na qual Maria, sobretudo na altura do Calvário e do Pentecostes, irá adiante, de maneira perfeita. ([9](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn9))

6. A caminhada própria de José, *a sua peregrinação da fé terminaria antes;* ou seja, antes que Maria esteja de pé junto à Cruz no Gólgota e antes que Ela - tendo Cristo voltado para o seio do Pai se encontre no Cenáculo do Pentecostes, no dia da manifestação ao mundo da Igreja, nascida pelo poder do Espírito da verdade. E contudo, *a caminhada da fé de José seguiu a mesma direcção*, permaneceu totalmente determinada pelo mesmo mistério, de que ele, juntamente com Maria, se tinha tornado o primeiro depositário. A Incarnação e a Redenção constituem uma unidade orgânica e indissolúvel, na qual a «economia da Revelação se realiza por meio de acções e palavras, intimamente relacionadas entre si». ([10](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn10)) Precisamente por causa desta unidade, o Papa João XXIII, que tinha uma grande devoção para com São José, estabeleceu que no Cânone romano da Missa, memorial perpétuo da Redenção, fosse inserido o nome dele, ao lado do nome de Maria e antes do dos Apóstolos, dos Sumos Pontífices e dos Mártires. ([11](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn11))

***O serviço da paternidade***

7. Como se deduz dos textos evangélicos, o matrimónio com Maria é o fundamento jurídico da paternidade de José. Foi para garantir a protecção paterna a Jesus que Deus escolheu José como esposo de Maria. Por conseguinte, a paternidade de José — uma relação que o coloca o mais perto possível de Cristo, termo de toda e qualquer eleição e predestinação (cf. *Rom* 8,28-29) — passa através do matrimónio com Maria, ou seja, através da família.

Os Evangelistas, embora afirmem claramente que Jesus foi concebido por obra do Espírito Santo e que naquele matrimónio a virgindade foi preservada (cf. *Mt* 1,18-25; *Lc* 1, 26-38), chamam a José esposo de Maria e a Maria esposa de José (cf. *Mt* 1,16.18-20; *Lc* 1,27; 2,5).

E também para a Igreja, se por um lado é importante professar *a concepção virginal de Jesus*, por outro, não é menos importante defender *o matrimónio de Maria* *com José*, porque é deste matrimónio que depende, juridicamente, a paternidade de José. Daqui se compreende a razão por que as gerações são enumeradas segundo a genealogia de José: «E porque não o deviam ser - pergunta-se Santo Agostinho - através de José? Não era porventura José o marido de Maria? (...). A Escritura afirma, por meio da autoridade angélica, que ele era o marido. *Não temas*, diz, *receber contigo Maria, tua esposa, pois o que nela se gerou é obra do Espírito Santo*. E é-lhe mandado que imponha o nome ao menino, se bem que não seja nascido do seu sémen. Aí se diz, ainda: *Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus*. A Escritura sabe que Jesus não nasceu do sémen de José; e porque ele mostra preocupação quanto à origem da gravidez dela (Maria), é dito: *provém do Espírito Santo*. E todavia não lhe é tirada a autoridade paterna, uma vez que lhe é ordenado que seja ele a dar o nome ao menino. Por fim, também a própria Virgem Maria, bem consciente de não ter concebido Cristo da união conjugal com ele, chama-o apesar disso *pai de Cristo*». ([12](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn12))

O *filho de Maria* é também *filho de José*, em virtude do vínculo matrimonial que os une: «Por motivo daquele matrimónio fiel, *ambos* mereceram ser chamados pais de Cristo, não apenas a Mãe, mas também aquele que era seu pai, do mesmo modo que era cônjuge da Mãe, *uma e outra coisa por meio da mente* e não da carne». ([13](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn13)) Neste matrimónio não faltou nenhum dos requisitos que o constituem: «Naqueles pais de Cristo realizaram-se todos os bens das núpcias: a prole, a fidelidade e o sacramento. Conhecemos *a prole*, que é o próprio Senhor Jesus; *a fidelidade*, porque não houve nenhum adultério; e *o sacramento*, porque não se deu nenhum divórcio». ([14](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn14))

Analisando a natureza do matrimónio, quer Santo Agostinho, quer Santo Tomás de Aquino situam-na constantemente na «união indivisível dos ânimos», na «união dos corações» e no «consenso»; ([15](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn15)) elementos estes, que, naquele matrimónio, se verificaram de maneira exemplar. No momento culminante da história da salvação, quando Deus manifestou o seu amor pela humanidade, mediante o dom do Verbo, deu-se *exactamente o matrimónio de Maria e José*, em que se realizou com plena «liberdade» o «dom esponsal de si» acolhendo e exprimindo um tal amor. ([16](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn16)) «Nesta grandiosa empresa da renovação de todas as coisas em Cristo, o matrimónio, também ele renovado e purificado, torna-se uma realidade nova, um sacramento da Nova Aliança. E eis que no limiar do Novo Testamento, como já sucedera no princípio do Antigo, há um casal. Mas, enquanto o casal formado por Adão e Eva tinha sido a fonte do mal que inundou o mundo, o casal formado por José e Maria constitui o vértice, do qual se expande por toda a terra a santidade. O Salvador deu início à obra da salvação com esta união virginal e santa, na qual se manifesta a sua vontade omnipotente *de purificar e santificar a família*, que é santuário do amor humano e berço da vida». ([17](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn17))

Quantos ensinamentos promanam disto, ainda hoje, para a família! Uma vez que «a essência e as funções da família se definem, em última análise, pelo amor» e que à família «é confiada *a missão de guardar, revelar e comunicar o amor*, qual reflexo vivo e participação do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo pela Igreja sua Esposa», ([18](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn18)) é na Sagrada Família, nesta originária «Igreja doméstica», ([19](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn19)) que todas as famílias devem espelhar-se. Nela, efectivamente, «por um misterioso desígnio divino, viveu escondido durante longos anos o Filho de Deus: ela constitui, portanto, o protótipo e o exemplo de todas as famílias cristãs». ([20](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn20))

8. São José foi chamado por Deus para servir directamente a Pessoa e a missão de Jesus, *mediante o exercício da sua paternidade*: desse modo, precisamente, ele «coopera no grande mistério da Redenção, quando chega a plenitude dos tempos», ([21](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn21)) e é verdadeiramente «ministro da salvação». A sua paternidade expressou-se concretamente «em ter feito da sua vida um serviço, um sacrifício, ao mistério da Incarnação e à missão redentora com o mesmo inseparavelmente ligada; em ter usado da autoridade legal, que lhe competia em relação à Sagrada Família, para lhe fazer o dom total de si mesmo, da sua vida e do seu trabalho; e em ter convertido a sua vocação humana para o amor famíliar na sobre-humana oblação de si, do seu coração e de todas as capacidades, no amor que empregou ao serviço do Messias germinado na sua casa». ([22](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn22))

A Liturgia, ao recordar que foram confiados «à solícita guarda de São José, na aurora dos novos tempos, os mistérios da salvação», ([23](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn23)) esclarece também que ele «foi constituído por Deus chefe da sua Família, para que, servo fiel e prudente, guardasse com paterna solicitude o seu Filho unigénito». ([24](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn24)) O Papa Leão XIII realça a sublimidade desta missão: «Ele entre todos, impõe-se pela sua sublime dignidade, dado que, por disposição divina, foi guardião e, na opinião dos homens, pai do Filho de Deus. Daí se seguia, portanto, que o Verbo de Deus fosse submisso a José, lhe obedecesse e lhe prestasse aquela honra e aquela reverência, que os filhos devem aos próprios pais». ([25](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn25))

E uma vez que não se pode conceber que a uma tarefa tão sublime não correspondessem as qualidades requeridas para a desempenhar adequadamente, importa reconhecer que José teve em relação a Jesus, «por especial dom do Céu, todo aquele amor natural e toda aquela solicitude afectuosa que o coração de um pai possa experimentar». ([26](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn26))

Com a autoridade paterna sobre Jesus, Deus terá comunicado também a José o amor correspondente, aquele amor que tem a sua fonte no Pai «do qual toda a paternidade, nos céus e na terra, toma o nome» (*Ef* 3,15).

Nos Evangelhos acha-se claramente exposto o múnus paterno de José para com Jesus. Com efeito, a salvação, que passa através da humanidade de Jesus, realiza-se nos gestos que fazem parte do quotidiano da vida familiar, respeitando aquela «condescendência» que é inerente à economia da Incarnação. Os Evangelistas estiveram muito atentos ao facto de que na vida de Jesus nada foi deixado ao acaso; mas nela tudo se desenrolou em conformidade com um plano divinamente preestabelecido. A fórmula muitas vezes repetida: «Aconteceu assim, para que se cumprissem...», acompanhada de uma referência do acontecimento descrito a um texto do Antigo Testamento, tem o intuito de acentuar a unidade e a continuidade do projecto, que tem o seu «cumprimento» em Cristo.

Com a Incarnação, as «promessas» e as «figuras» do Antigo Testamento tornam-se «realidade»: lugares, pessoas, acontecimentos e ritos entrelaçam-se de acordo com ordens divinas bem precisas, transmitidas mediante o ministério dos anjos e recebidas por criaturas particularmente sensíveis à voz de Deus. Maria é a humilde serva do Senhor, preparada desde toda a eternidade para a missão de ser Mãe de Deus; e José é aquele que Deus escolheu para ser o «coordenador do nascimento do Senhor», ([27](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn27)) aquele que tem o encargo de prover ao inserimento «ordenado» do Filho de Deus no mundo, mantendo o respeito pelas disposições divinas e pelas leis humanas. Toda a chamada vida «privada» ou «oculta» de Jesus foi confiada à sua guarda.

***O recenseamento***

9. Quando José foi de longada até Belém, para o recenseamento, em observância das disposições da autoridade legítima, ele desempenhou em relação ao menino a tarefa importante e significativa de inserir oficialmente o nome de «Jesus, filho de José de Nazaré» (cf. *Jo* 1, 45), no registo do império. Essa inscrição manifesta de modo bem claro o facto de Jesus pertencer ao género humano, homem entre os homens, cidadão deste mundo, sujeito às leis e instituições civis, mas também «*Salvador do mundo*». Orígenes descreveu bem o significado teológico inerente a este facto histórico, que não é nada marginal: «Dado que o primeiro recenseamento de toda a terra se verificou no tempo de César Augusto, e que entre todos os demais também José se foi registrar, juntamente com Maria sua esposa, que se encontava grávida; e dado que Jesus veio ao mundo antes de o censo ter sido feito, para quem considerar a coisa com diligente atenção parecerá que se expressa uma espécie de mistério no facto de que, na declaração de toda a terra, devesse ser recenseado também Cristo. Dessa maneira, registado juntamente com os demais, a todos podia santificar; inscrito com toda a terra no recenseamento, à terra oferecia a comunhão consigo; e, depois desta declaração, recenseava consigo todos os homens da terra no livro dos vivos, para que quantos viessem a acreditar nele, fossem depois inscritos no céu, com os Santos d'Aquele a quem pertencem a glória e o império pelos séculos dos séculos. Amén». ([28](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn28))

***O nascimento de Belém***

10. Como depositário do mistério «escondido desde todos os séculos em Deus» e que começa a realizar-se diante dos seus olhos na «plenitude dos tempos», *José encontra-se juntamente com Maria na noite de Belém*, qual testemunha privilegiada da vinda do Filho de Deus ao mundo. São Lucas exprime-se assim: «*Enquanto eles ali (em Belém) se encontravam, completaram-se para ela os dias da gestação. E deu à luz o seu filho primogénito*, que envolveu em faixas e recostou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria» (*Lc* 2,6-7).

*José foi testemunha ocular* deste nascimento, que se verificou em condições humanamente humilhantes, primeiro anúncio daquele «despojamento», no qual Cristo consentiu livremente, para a remissão dos pecados. Na mesma ocasião, José foi *testemunha da adoração dos pastores*, que acorreram ao lugar onde Jesus nascera, depois de um anjo lhes ter levado esta grande e jubilosa notícia (cf. *Lc* 2,15-16); mais tarde, foi *testemunha também da homenagem dos Magos, vindos do Oriente* (cf. *Mt* 2,11).

***A circuncisão***

11. Sendo a circuncisão de um filho o primeiro dever religioso do pai, José, com esta cerimónia (cf. *Lc* 2,21), exercitou um seu direito e dever em relação a Jesus.

O princípio segundo o qual todos os ritos do Antigo Testamento são como que a sombra da realidade (cf. *Hebr* 9,9 s.; 10,1), explica o motivo por que Jesus os aceita. Como sucedeu com os outros ritos, também o da circuncisão teve em Jesus o seu «cumprimento». A Aliança de Deus com Abraão, de que a circuncisão era sinal (cf. *Gén* 17,13), obteve em Jesus o seu pleno efeito e a sua cabal realização, sendo Jesus o «sim» de todas as antigas promessas (cf. 2 *Cor*1,20).

***A imposição do nome***

12. José deu ao menino, na ocasião em que o levaram a circuncidar, o nome de Jesus. Este nome é o único em que há salvação (cf. *Act* 4,12); e a José tinha sido revelado o seu significado, no momento da sua «anunciação»: E tu «por-lhe-ás o nome de Jesus; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados» (*Mt* 1,21). Quando lhe deu o nome, José declarou a própria paternidade legal em relação a Jesus; e, pronunciando esse nome, proclamou a missão deste menino, de ser o Salvador.

***A apresentação de Jesus no templo***

13. Esta cerimónia, referida por São Lucas (2,22 ss.), incluía o resgate do primogénito e projecta luz sobre o episódio posterior da permanência de Jesus no templo aos doze anos.

O *resgate do primogénito* é um outro dever do pai, que é cumprido por José. No primogénito estava representado o povo da Aliança, resgatado da escravidão para passar a pertencer a Deus. Também a propósito disto, Jesus, que é o verdadeiro «preço» do resgate (cf. 1 *Cor* 6,20; 7,23; 1 *Pe* 1,19), não somente «cumpre» o rito do Antigo Testamento, mas ao mesmo tempo supera-o, não sendo ele um simples homem sujeito a ser resgatado, mas o próprio autor do resgate.

O Evangelista põe em relevo que «o pai e a mãe de Jesus estavam admirados com as coisas que se diziam dele» (*Lc* 2,33); e, em particular, com *aquilo que Simeão disse*, no seu cântico dirigido ao Senhor, indicando Jesus como «a salvação preparada por Deus em favor de todos os povos» e «luz para iluminar as nações e glória de Israel, seu povo»; e, mais adiante, também como «sinal de contradição» (*Lc* 2,30-34).

***A fuga para o Egipto***

14. A seguir à apresentação no templo, o evangelista São Lucas anotou: «Depois de terem cumprido tudo segundo a lei do Senhor, *voltaram para a Galileia*, para a sua cidade de Nazaré. Entretanto, o menino crescia e robustecia-se, cheio de sabedoria, e a graça de Deus estava com ele» (*Lc* 2,39-40).

Mas, *segundo o texto de São Mateus*, ainda antes deste retorno à Galileia, tem de ser colocado um acontecimento muito importante, para o qual a Providência divina de novo recorre a José. Aí lemos: «Depois de eles (os Magos) partirem, eis que um anjo do Senhor apareceu, em sonho, a José e disse-lhe*: "Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egipto* e fica lá até eu te avisar, porque Herodes está a procurar o menino para o matar"» (*Mt* 2,13). Na ocasião da vinda dos Magos do Oriente, Herodes tinha sabido do nascimento do «rei dos Judeus» (*Mt* 2,2). E quando os Magos partiram, ele mandou «matar todos os meninos que havia em Belém e em todo o seu território, da idade de dois anos para baixo» (*Mt* 2,16). Deste modo, matando todas as crianças, queria matar aquele recém-nascido «rei dos Judeus», de quem chegara ao conhecimento durante a visita dos Magos à sua corte. Então José, tendo recebido o aviso em sonho, «de noite, tomou o menino e sua mãe e *retirou-se para o Egipto, onde ficou até à morte de Herodes*, para se cumprir o que o Senhor tinha anunciado por meio do profeta: "Do Egipto chamei o meu Filho"» (*Mt* 2,14-15; cf. *Os* 11,1).

Deste modo, o caminho do regresso de Jesus de Belém a Nazaré passou pelo Egipto. Assim como Israel tinha tomado o caminho do êxodo «da condição de escravidão» para iniciar a Antiga Aliança, assim *José, depositário e cooperador do mistério providencial de Deus*, também no exílio vela por Aquele que vai tornar realidade a Nova Aliança.

***A permanência de Jesus no templo***

15. Desde o momento da Anunciação, José, juntamente com Maria, encontrou-se, em certo sentido, *no íntimo do mistério* escondido desde todos os séculos em Deus e que se tinha revestido de carne: «*O Verbo fez-se carne e habitou entre nós*» (*Jo* 1,14). Sim, Ele habitou entre os homens e o âmbito da sua morada foi *a Sagrada Família de Nazaré*, uma das tantas famílias desta pequena cidade de Galileia, uma das tantas famílias da terra de Israel. Aí, Jesus crescia e «robustecia-se, cheio de sabedoria, e a graça de Deus estava com ele» (*Lc* 2,40). Os Evangelhos resumem em poucas palavras o *longo período* da vida «oculta», durante o qual Jesus se preparou para a sua missão messiânica. Há um só momento que é subtraído a este «escondimento» e é descrito pelo *Evangelho de São Lucas: a Páscoa de Jerusalém, quando Jesus tinha doze anos de idade*.

Jesus participou nesta festa, como um jovem peregrino, juntamente com Maria e José. E eis o que aconteceu: «Passados aqueles dias (da festa), ao regressarem, o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que os pais se apercebessem disso» (*Lc* 2,43). Depois de um dia de viagem deram pela sua falta; e começaram a procurá-lo «entre os parentes e conhecidos... Depois de três dias, *encontraram-no no templo*, sentado no meio dos doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. Todos os que o ouviam ficavam admirados da sua inteligência e das suas respostas» (*Lc* 2,46-47). Maria pergunta: «Filho, por que procedeste assim connosco? *Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura*» (*Lc*2, 48). A resposta de Jesus foi de tal sorte que os dois «não entenderam as palavras que lhes disse». Tinha-lhes respondido: «Por que me procuráveis? Não sabíeis *que eu devo encontrar-me na casa de meu Pai?*» (*Lc*2,49-50).

Ouviu estas palavras José, em relação ao qual Maria tinha acabado de dizer «teu pai». Com efeito, era assim que as pessoas diziam e pensavam: Jesus, «como se supunha, era filho de José» *(Lc* 3,23). Apesar disso, a resposta do próprio Jesus no templo devia reavivar na consciência do «suposto o pai» aquilo que numa noite, doze anos antes, ele tinha ouvido: «José... não temas receber contigo Maria, tua esposa, *pois o que nela se gerou é obra do Espírito Santo*». Já desde então ele sabia que era depositário do mistério de Deus; e *Jesus*, com doze anos de idade, *evocou exactamente este mistério*: «Devo encontrar-me na casa de meu Pai».

**A sustenção e a educação de Jesus em Nazaré**

16. O crescimento de Jesus «em sabedoria, em estatura e em graça» (*Lc*2,52), deu-se no âmbito da Sagrada Família, sob o olhar de São José, que tinha a alta função de o «criar»; ou seja, de alimentar, vestir e instruir Jesus na Lei e num ofício, em conformidade com os deveres estabelecidos para o pai.

No Sacrifício eucarístico a Igreja venera «a memória da gloriosa sempre Virgem Maria ... e também a de São José», ([29](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn29)) porque foi quem «sustentou Aquele que os fiéis deviam comer como Pão de vida eterna». ([30](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn30))

Por sua parte, Jesus «era-lhes submisso» (*Lc* 2,51), correspondendo com o respeito às atenções dos seus «pais». Dessa forma quis santificar os deveres da família e do trabalho, que ele próprio executava ao lado de José.

**III**

**O HOMEM JUSTO - O ESPOSO**

17. No decorrer da sua vida, que foi uma peregrinação na fé, José, como Maria, permaneceu fiel até ao fim ao chamamento de Deus. A vida de Maria foi o cumprimento até às últimas consequências daquele primeiro *fiat (faça-se)* pronunciado no momento da Anunciação; ao passo que José - como já foi dito - não proferiu palavra alguma, aquando da sua «anunciação»: «fez como o anjo do Senhor lhe ordenara» (*Mt* 1,24). E este *primeiro «fez» tornou-se o princípio da «caminhada de José».* Ao longo desta caminhada, os Evangelhos não registram palavra alguma que ele tenha dito. Mas esse *silêncio de José* tem uma especial eloquência: graças a tal atitude, pode captar-se perfeitamente a verdade contida no juízo que dele nos dá o Evangelho: o «justo» (*Mt* 1,19).

É necessário saber ler bem esta verdade, porque nela está contido *um dos mais importantes testemunhos acerca do homem e da sua vocação*. No decurso das gerações a Igreja lê, de maneira cada vez mais atenta e mais cônscia este testemunho, como que tirando do tesouro desta insígne figura «coisas novas e coisas velhas» (*Mt* 13,52).

18. O homem «justo» de Nazaré possui sobretudo as características bem nítidas do esposo. O Evangelista fala de Maria como de «uma virgem desposada com um homem... chamado José» (*Lc* 1,27). Antes de começar a realizar-se «o mistério escondido desde todos os séculos em Deus» (*Ef*3,9), os Evangelhos põem diante de nós a *imagem do esposo e da esposa*. Segundo o costume do povo hebraico, o matrimónio constava de duas fases: primeiro, era celebrado o matrimónio legal (verdadeiro matrimónio); e depois, só passado um certo período, é que o esposo introduzia a esposa na própria casa. Antes de viver junto com Maria, portanto, José já era o seu «esposo»; *Maria, porém, conservava no seu íntimo o desejo de fazer o dom total de si mesma exclusivamente a Deus*. Poder-se-ia perguntar de que modo este desejo se conciliava com as «núpcias». A resposta vem-nos somente do desenrolar dos acontecimentos salvíficos, isto é, da acção especial do próprio Deus. Desde o momento da Anunciação, Maria sabe que *deve realizar-se* o seu *desejo virginal*, de entregar-se a Deus de modo exclusivo e total, precisamente *tornando-se mãe do Filho de Deus*. A maternidade por obra do Espírito Santo é a forma de doação que o próprio Deus espera da Virgem, «desposada» com José. E Maria pronuncia o seu *fiat (faça-se).*

O facto de ela ser «desposada» com José *está incluído no mesmo desígnio de Deus*. Isso é indicado por ambos os Evangelistas citados, mas de maneira particular por São Mateus. São muito significativas as palavras ditas a José: «Não temas receber contigo Maria, *tua esposa*, pois o que nela se gerou é obra do Espírito Santo» (*Mt* 1,20). Elas explicam o mistério da esposa de José: Maria é virgem na sua maternidade. Nela «o Filho do Altíssimo» assume um corpo humano e torna-se «o Filho do homem».

*Dirigindo-se* a José com as palavras do anjo, Deus dirige-se a ele *como sendo esposo da Virgem de Nazaré*. Aquilo que nela se realizou por obra do Espírito Santo exprime ao mesmo tempo uma confirmação *especial do vínculo esponsal*, que já existia antes entre José e Maria. O mensageiro diz claramente a José: «Não temas receber contigo, Maria, *tua esposa*». Por conseguinte, aquilo que tinha acontecido anteriormente — os seus esponsais com Maria — tinha acontecido por vontade de Deus e, portanto, devia ser conservado. Na sua maternidade divina, Maria deve continuar a viver como «uma virgem, esposa de um esposo» (cf. *Lc* 1,27).

19. Nas palavras da «anunciação» nocturna, *José escuta* não apenas a verdade divina acerca da inefável vocação da sua esposa, mas *ouve novamente* também a *verdade acerca da própria vocação*. Este homem «justo», que, segundo o espírito das mais nobres tradições do povo eleito, amava a Virgem de Nazaré e a ela se encontrava ligado por amor esponsal, é novamente chamado por Deus para este amor.

«José fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu consigo a sua esposa»; o que se gerou nela «é obra do Espírito Santo». Ora, de tais expressões, não se imporá porventura deduzir que também o seu *amor de homem tinha sido regenerado pelo Espírito Santo?* Não se imporá porventura pensar que o amor de Deus, que foi derramado no coração humano pelo Espírito Santo (cf.*Rm* 5,5), forma do modo mais perfeito todo o amor humano? Ele forma também — e de maneira absolutamente singular — o amor esponsal dos cônjuges, nele dando profundidade a tudo aquilo que seja humanamente digno e belo e tenha as marcas da exclusiva entrega, da aliança das pessoas e da comunhão autêntica, a exemplo de Mistério trinitário.

«José... recebeu consigo a sua esposa, a qual, *sem que ele a conhecesse*, deu à luz um filho» (*Mt* 1,24-25). Estas palavras indicam ainda outra proximidade esponsal. A profundeza desta proximidade, a intensidade espiritual da união e do contacto entre pessoas — do homem e da mulher — provêm em última análise do Espírito que dá a vida (cf. *Jo* 6, 63). *José, obediente ao Espírito, encontra precisamente nele a fonte do amor*, do seu amor esponsal de homem; e este amor foi maior do que aquele «homem justo» poderia esperar, segundo a medida do próprio coração humano.

20. Na Liturgia, Maria é celebrada como tendo estado «unida a José, homem justo, por um vínculo de amor esponsal e virginal». ([31](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn31)) Trata-se, de facto, de dois amores que, *conjuntamente*, representam o mistério da Igreja, virgem e esposa, a qual tem no matrimónio de Maria e José o seu símbolo. «A virgindade e o celibato por amor do Reino de Deus não só não se contrapõem à dignidade do matrimónio, mas pressupõem-na e confirmam-na. O matrimónio e a virgindade são os dois modos de exprimir e de viver o único Mistério da Aliança de Deus com o seu povo», ([32](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn32)) que é comunhão de amor entre Deus e os homens.

Mediante o sacrifício total de si próprio, José exprime o seu amor generoso para com a Mãe de Deus, fazendo-lhe «dom esponsal de si». Muito embora decidido a afastar-se, para não ser obstáculo ao plano de Deus que nela estava a realizar-se, por ordem expressa do anjo ele manteve-a consigo e respeitou a sua condição de pertencer exclusivamente a Deus.

Por outro lado, foi do matrimónio com Maria que advieram para José a sua dignidade singular e os seus direitos em relação a Jesus. «é certo que a dignidade da Mãe de Deus assenta tão alto, que nada pode haver de mais sublime; mas, por isso mesmo que entre a Santíssima Virgem a José foi estreitado o vínculo conjugal, não há dúvida de que ele se *aproximou como ninguém* dessa altíssima dignidade, em virtude da qual a Mãe de Deus ocupa lugar eminente, a grande distância de todas as criaturas. Uma vez que o casamento é a comunidade e a amizade máxima a que, por sua natureza, anda ligada a comunhão de bens, segue-se que, se Deus quis dar José como esposo à Virgem, deu-lo não apenas como companheiro na vida, testemunha da sua virgindade e garante da sua honestidade, mas também para que ele *participasse*, mediante o pacto conjugal, na sua excelsa grandeza. ([33](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn33))

21. *Um tal vínculo de caridade constituiu a vida da Sagrada Família*; primeiro, na pobreza de Belém, depois, durante o exílio no Egipto e, em seguida, quando ela morava em Nazaré. A Igreja rodeia de profunda veneração esta Família, apresentando-a como modelo para todas as famílias. A Família de Nazaré, directamente inserida no mistério da Incarnação, constitui ela própria um mistério particular. E ao mesmo tempo — como na Incarnação — é a este mistério que pertence a verdadeira paternidade: *a forma humana da família do Filho de Deus, verdadeira família humana*, formada pelo mistério divino. *Nela, José é o pai*: a *sua paternidade*, porém, não é só «aparente», ou apenas «substitutiva»; mas *está dotada plenamente da autenticidade da paternidade humana,* da autenticidade da missão paterna na família. Nisto está contida uma consequência da união hipostática: humanidade assumida na unidade da Pessoa divina do Verbo-Filho, Jesus Cristo. Juntamente com a assunção da humanidade, em Cristo *foi também «assumido» tudo aquilo que é humano e, em particular, a família*, primeira dimensão da sua existência na terra. Neste contexto foi «assumida» também a paternidade humana de José.

Com base neste princípio, adquirem o seu significado profundo as palavras dirigidas por Maria a Jesus, no templo, quando ele tinha doze anos: «Teu pai e eu... andávamos à tua procura». Não se trata de uma frase convencional: as palavras da Mãe de Jesus indicam toda a realidade da Incarnação, que pertence ao mistério da Família de Nazaré. José, que desde o princípio aceitou, mediante «a obediência da fé», a sua paternidade humana em relação a Jesus, seguindo a luz do Espírito Santo que por meio da fé se doa ao homem, por certo ia descobrindo cada vez mais amplamente *o dom inefável desta sua paternidade*.

**IV**

**O TRABALHO EXPRESSÃO DO AMOR**

22. *A expressão quotidiana deste amor na vida da Família de Nazaré é o trabalho*. O texto evangélico especifica o tipo de trabalho, mediante o qual José procurava garantir a sustentação da Família: o trabalho de *carpinteiro*. Esta simples palavra envolve toda a extensão da vida de José. Para Jesus este período abrange os anos da vida oculta, de que fala o Evangelista, a seguir ao episódio que sucedeu no templo: «Depois, desceu com eles para Nazaré e era-lhes submisso» (*Lc* 2,51). Esta «*submissão*, ou seja, a obediência de Jesus na casa de Nazaré é *entendida* também *como participação no trabalho de José*. Aquele que era designado como o «filho do carpinteiro», tinha aprendido o ofício de seu «pai» putativo. Se a Família de Nazaré, na ordem da salvação e da santidade, é exemplo e modelo para as famílias humanas, é-o analogamente *também o trabalho de Jesus ao lado de José carpinteiro*. Na nossa época, a Igreja pôs em realce isto mesmo, também com a memória litúrgica de São José Operário, fixada no primeiro de maio. *O trabalho humano*, em particular o trabalho manual, *tem no Evangelho uma acentuação especial*. Juntamente com a humanidade do Filho de Deus ele foi acolhido no mistério da Incarnação, como também *foi redimido de maneira particular*. Graças ao seu banco de trabalho, junto do qual exercitava o próprio ofício juntamente com Jesus, José aproximou o trabalho humano do mistério da Redenção.

23. No crescimento humano de Jesus «em sabedoria, em estatura e em graça» teve uma parte notável *a virtude da laboriosidade*, dado que «o trabalho é um bem do homem», que «transforma a natureza» e torna o homem, «em certo sentido, mais homem». ([34](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn34))

A importância do trabalho na vida do homem exige que se conheçam e assimilem todos os seus conteúdos, «para ajudar os demais homens a aproximarem-se através dele de Deus, Criador e Redentor, e a participarem nos seus desígnios salvíficos quanto ao homem e quanto ao mundo; e ainda, a aprofundarem na sua vida e amizade com Cristo, tendo, mediante a fé vivida, uma participação no seu tríplice múnus: de Sacerdote, de Profeta e de Rei». ([35](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn35))

24. Trata-se, em última análise, da santificação da vida quotidiana, no que cada pessoa deve empenhar-se, segundo o próprio estado, e que pode ser proposta apontando para um modelo accessível a todos: São José é o modelo dos humildes, que o Cristianismo enaltece para grandes destinos; ... é a prova de que para ser bons e autênticos seguidores de Cristo não se necessitam «grandes coisas», mas requerem-se somente virtudes comuns, humanas, simples e autênticas». ([36](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn36))

**V**

**O PRIMADO DA VIDA INTERIOR**

25. Também quanto ao trabalho de carpinteiro na casa de Nazaré se estende o mesmo clima de silêncio, que acompanha tudo aquilo que se refere à figura de José. Trata-se, contudo, de um *silêncio que desvenda de maneira especial o perfil interior desta figura*. Os Evangelhos falam exclusivamente daquilo que José «fez»; no entanto, permitem-nos auscultar nas suas «acções», envolvidas pelo silêncio, um clima de *profunda contemplação*. José estava quotidianamente em contacto com o mistério «escondido desde todos os séculos», que «estabeleceu a sua morada» sob o tecto da sua casa. Isto explica, por exemplo, a razão por que Santa Teresa de Jesus, a grande reformadora do Carmelo contemplativo, se tornou promotora da renovação do culto de São José na cristiandade ocidental.

26. O sacrifício total, que José fez da sua existência inteira, às exigências da vinda do Messias à sua própria casa, encontra a motivação adequada na «sua insondável vida interior, da qual lhe provêm ordens e consolações singularíssimas; dela lhe decorrem também a lógica e a força, própria das almas simples e límpidas, das grandes decisões, como foi a de colocar imediatamente à disposição dos desígnios divinos a própria liberdade, a sua legítima vocação humana e a felicidade conjugal, aceitando a condição, a responsabilidade e o peso da família e renunciando, por um incomparável amor virgíneo, ao natural amor conjugal que constitui e alimenta a mesma família». ([37](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn37))

Esta submissão a Deus, que é prontidão de vontade para se dedicar às coisas que dizem respeito ao seu serviço, não é mais do que o *exercício da devoção*, que constitui uma das expressões da virtude da religião. ([38](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn38))

27. A comunhão de vida entre José e Jesus leva-nos a considerar ainda o mistério da Incarnação precisamente sob o aspecto da humanidade de Cristo, instrumento eficaz da divindade para a santificação dos homens: «Por força da divindade, as acções humanas de Cristo foram salutares para nós, produzindo em nós a graça, quer em razão do mérito, quer por uma certa eficácia». ([39](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn39))

Entre estas acções os Evangelistas privilegiam aquelas que dizem respeito ao mistério pascal; mas não deixam de frisar bem a importância do contacto físico com Jesus em ordem às curas de enfermidades (cf., por exemplo, *Mc* 1,41) e a influência por ele exercida sobre João Baptista, quando ambos estavam ainda no seio materno (cf. *Lc* 1,41-44).

O testemunho apostólico não transcurou — como já se viu — a narração do nascimento de Jesus, da circuncisão, da apresentação no templo, da fuga para o Egipto e da vida oculta em Nazaré, por motivo do «mistério» de graça contido em tais «gestos», todos eles salvíficos, porque todos participavam da mesma fonte de amor: a divindade de Cristo. Se este amor se irradiava, através da sua humanidade, sobre todos os homens, certamente eram por ele beneficiados, em primeiro lugar, aqueles que a vontade divina tinha posto na sua maior intimidade: Maria, sua Mãe, e José, seu pai putativo. ([40](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn40))

Uma vez que o amor «paterno» de José não podia deixar de influir sobre o amor «filial» de Jesus e, vice-versa, o amor «filial» de Jesus não podia deixar de influir sobre o amor «paterno» de José, como chegar a conhecer as profundezas desta singularíssima relação? Justamente, pois, as almas mais sensíveis aos impulsos do amor divino vêem em José um exemplo luminoso de vida interior.

Mais ainda, a aparente tensão entre a vida activa e a vida contemplativa tem em José uma superação ideal, possível para quem possui a perfeição da caridade. Atendo-nos à conhecida distinção entre o amor da verdade (*caritas veritatis*) e as exigências do amor (*necessitat caritatis*), podemos dizer que José fez a experiência quer do *amor da verdade*, ou seja, do puro amor de contemplação da Verdade divina que irradiava da humanidade de Cristo, quer das *exigências do amor*, ou seja, do amor igualmente puro do serviço, requerido pela protecção e pelo desenvolvimento dessa mesma humanidade. ([41](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn41))

**VI**

**PATRONO DA IGREJA DO NOSSO TEMPO**

28. Em tempos difíceis para a Igreja, Pio IX, desejando confiá-la à especial protecção do Santo Patriarca José, declarou-o «Patrono da Igreja católica». ([42](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn42)) Esse Sumo Pontífice sabia que não estava a levar a efeito um gesto peregrino, porque, em virtude da excelsa dignidade concedida por Deus a este seu servo fidelíssimo, «a Igreja, depois da Virgem Santíssima, esposa dele, teve sempre em grande honra e cumulou de louvores o Bem-aventurado José e, no meio das angústias, de preferência foi a ele que recorreu». ([43](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn43))

Quais são os motivos de tão grande confiança? O Papa Leão XIII expõe-nos assim: «As razões pelas quais o Bem-aventurado José deve ser considerado especial Patrono da Igreja, e a Igreja, por sua vez, deve esperar muitíssimo da sua protecção e do seu patrocínio, provêm principalmente do facto de ele ser esposo de Maria e pai putativo de Jesus (...). José foi a seu tempo legítimo e natural guardião, chefe e defensor da divina Família (...). É algo conveniente e sumamente digno para o Bem-aventurado José, portanto, que, de modo análogo àquele com que outrora costumava socorrer santamente, em todo e qualquer acontecimento, a Família de Nazaré, também agora cubra e defenda com o seu celeste patrocínio a Igreja de Cristo». ([44](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn44))

29. Este patrocínio deve ser invocado e continua sempre a ser necessário à Igreja, não apenas para a defender dos perigos, que continuamente se levantam, mas também e sobretudo para a confortar no seu renovado empenho de evangelização do mundo e de levar por diante a nova evangelização dos países e nações «onde — como eu escrevia na Exortação Apostólica [*Christifideles laici*](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html) — a religião e a vida cristã foram em tempos tão prósperas», mas «se encontram hoje submetidas a dura provação». ([45](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn45)) Para levar o primeiro anúncio de Cristo ou para voltar a apresentá-lo onde ele foi transcurado ou esquecido, a Igreja precisa de uma particular «força do Alto» (cf. *Lc* 24,49), que é dom do Espírito do Senhor, certamente, mas não anda disjunta da intercessão e do exemplo dos seus Santos.

30. Além da confiança na protecção segura de José, a Igreja tem confiança no seu exemplo insigne, um exemplo que transcende cada um dos estados de vida e se propõe a toda a comunidade cristã, sejam quais forem a condição e as tarefas de cada um dos fiéis.

Como se diz na constituição do Concílio Vaticano II sobre a Divina Revelação, a atitude fundamental de toda a Igreja deve ser de «religiosa escuta da palavra de Deus»; ([46](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn46)) ou seja, de absoluta disponibilidade para se pôr fielmente ao serviço da vontade salvífica de Deus, revelada em Jesus. Logo no princípio da Redenção humana, nós encontramos o modelo da obediência encarnado, depois de Maria, precisamente em José, aquele que, se distingue pela execução fiel das ordens de Deus.

O Papa Paulo VI exortava a invocar o seu patrocínio, «como a Igreja, nestes últimos tempos, tem o costume de fazer, para si mesma, antes de mais nada, para uma espontânea reflexão teológica sobre o conúbio da acção divina com a acção humana na grande economia da Redenção, no qual, a primeira, a acção divina, é só por si totalmente suficiente, mas a segunda, a acção humana, a nossa, embora não seja capaz de fazer coisa alguma sozinha (cf. *Jo* 15,5), nunca está dispensada de uma humilde, mas condicional e nobilitante colaboração. Além disso, a Igreja invoca-o como protector, por um desejo profundo e actualíssimo de rejuvenescer a sua existência secular, com autênticas virtudes evangélicas, como as que refulgem em São José». ([47](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn47))

31. A Igreja transforma estas exigências em oração. Recordando que Deus confiou os inícios da nossa Redenção à guarda desvelada de São José, suplica-lhe: que lhe conceda colaborar fielmente na obra da salvação; e que lhe dê a mesma fidelidade e pureza de coração que animaram José no serviço do Verbo Incarnado; e, ainda, a graça de caminhar diante do mesmo Deus pelas vias da santidade e da justiça, amparados pelo exemplo e pela intercessão de São José. ([48](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn48))

Há cem anos, exactamente, o Papa Leão XIII exortava o mundo católico a rezar para obter a protecção de São José, Patrono de toda a Igreja. A Carta Encíclica [*Quamquam pluries*](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15081889_quamquam-pluries.html)fazia apelo para aquele «amor paterno» que José «dedicava ao Menino Jesus» e recomendava-lhe, a ele «próvido guarda da divina Família, a preciosa herança que Jesus Cristo adquiriu com o próprio sangue». Desde então, *a Igreja* — como foi recordado mais acima – *implora a protecção de São José*, «em virtude daquele vínculo de caridade que o uniu à imaculada Virgem Mãe de Deus», e recomenda-lhe todas as suas solicitudes, também pelo que se refere às ameaças que incumbem sobre a família humana.

Nos dias de *hoje*, temos ainda *numerosos motivos para rezar da mesma maneira*: «Afastai de nós, ó pai amantíssimo, esta peste de erros e de vícios..., assisti-nos propício, do céu, nesta luta contra o poder das trevas...; e assim como outrora livrastes da morte a vida ameaçada do Menino Jesus, assim hoje defendei a santa Igreja de Deus das ciladas do inimigo e de todas as adversidades». ([49](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn49)) Hoje ainda temos *motivos que perduram para recomendar todos e cada um dos homens a São José*.

32. Desejo vivamente que esta evocação da figura de São José renove também em nós o ritmo da oração que, há um século atrás, o meu Predecessor estabeleceu que lhe fosse elevada. É fora de dúvida, efectivamente, que esta oração e *a própria figura de São José se revestem de actualidade renovada para a Igreja do nosso tempo*, em relação com o novo Milénio cristão.

O *Concílio Vaticano II procurou sensibilizar-nos novamente* a todos para «as grandes coisas de Deus» e *para aquela «economia da salvação»* de que São José foi particularmente ministro. Recomendando-nos, pois, à protecção daquele a quem o próprio Deus «confiou a guarda dos seus tesouros mais preciosos e maiores», ([50](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fn50)) *aprendamos com ele, ao mesmo tempo, a servir a «economia da salvação».* Que São José se torne para todos um mestre singular no serviço da *missão salvífica de Cristo*, que, na Igreja, compete a cada um e a todos: aos esposos e aos pais, àqueles que vivem do trabalho das próprias mãos e de todo e qualquer outro trabalho, às pessoas chamadas para a vida contemplativa e às que são chamadas ao apostolado.

O *homem justo*, que trazia em si o património da Antiga Aliança, foi também *introduzido no «princípio» da nova e eterna Aliança em Jesus Cristo*. Que ele nos indique os caminhos desta Aliança salvífica no limiar do próximo Milénio, durante o qual deve perdurar e desenvolver-se ulteriormente a «plenitude dos tempos» própria do mistério inefável da Incarnação do Verbo.

Que São José obtenha para a Igreja e para o mundo, assim como para um de nós, a bênção do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

*Dado em Roma, junto de São Pedro, a 15 de Agosto - solenidade da Assunção de Nossa Senhora - no ano de 1989, undécimo ano de Pontificado.*

**JOÃO PAULO II**

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**Notas**

([1](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref1)) Cf. S. Ireneu, *Adversus Haereses*, IV, 23, 1: *S. Ch.* 100/72, pp. 692-694.

([2](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref2)) Leão XIII, Carta Enc. [*Quamquam pluries*](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15081889_quamquam-pluries.html) (15 de Agosto de 1889): *Leonis XIII P. M. Acta*, IX (1890), pp. 175-182.

([3](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref3)) Sacror. Rituum Congreg., Decr. *Quemadmodum Deus* (8 de Dezembro de 1870): *Pii IX P. M. Acta*, pars I, Vol. V, p. 282; Pio IX, Carta Apost. *Inclytum Partiarcham*(7 de Julho de 1871), *l.c.*, pp. 331-335.

([4](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref4)) Cf. S. João Crisóstomo, *In Matth. Hom*., V, 3: *PG* 57, 57-58. Os Doutores da Igreja e os Sumos Pontífices, também baseando-se na identidade do nome, indicaram em José do Egipto o protótipo de José de Nazaré, na medida em que se teriam esboçado no primeiro as funções e a grandeza do segundo, de ser guardião dos mais preciosos tesouros de Deus Pai, o Verbo Incarnado e a sua Santíssima Mãe: cf., por exemplo, S. Bernardo, *Super missus est*, *Hom*. II, 16: *S. Bernardi Opera*, Ed. Cist., IV, 33-34; Leão XIII, Carta Enc. [*Quamquam pluries*](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15081889_quamquam-pluries.html)(15 de Agosto de 1889): *l.c*., p. 179.

([5](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref5)) Const. dogm. sobre a Igreja [*Lumen gentium*](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html), n. 58.

([6](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref6)) Cf. *ibid*., n. 63.

([7](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref7)) Const. dogm. sobre a Divina Revelação [*Dei Verbum*](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html), n. 5.

([8](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref8)) *Ibid*., n. 2.

([9](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref9)) Cf. Conc. Ecum. Vaticano II, Const. dogm. sobre a Igreja [*Lumen gentium*](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html), n. 63.

([10](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref10)) Conc. Ecum. Vaticano II, Const. dogm. sobre a Divina Revelação [*Dei Verbum*](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html)*,* n. 2.

([11](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref11)) S. Congr. dos Ritos, Decr. *Novis hisce temporibus* (13 de Novembro de 1962): *AAS* 54 (1962), p. 873.

([12](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref12)) S. Agostinho, *Sermo* 51, 10, 16: *PL* 38, 342.

([13](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref13)) S. Agostinho, *De nuptiis et concupiscentia*, I, 11, 12: *PL* 44, 421; cf. *De consensu evangelistarum*, II, 1, 2: *PL* 34, 1071; *Contra Faustum*, III, 2: *PL* 42, 214.

([14](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref14)) S. Agostinho, *De nuptiis et concupiscentia*, I, 11, 13: *PL* 44, 421; cf. *Contra Julianum*, V, 12, 46: *PL* 44, 810.

([15](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref15)) Cf. S. Agostinho, *Contra Faustum*, XXIII, 8: *PL* 42,470-471; *De consensu evangelistarum,* II,1,3: *PL* 34,1072; *Sermo* 51,13,21: *PL* 38,344-345; S. Tomás de Aquino, Su*mma Theol*., III, q. 29, a. 2 in conclus.

([16](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref16)) Cf. as *Alocuções* de[9](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1980/documents/hf_jp-ii_aud_19800109.html)e [16](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1980/documents/hf_jp-ii_aud_19800116.html) de Janeiro e de [20 de Fevereiro de 1980](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1980/documents/hf_jp-ii_aud_19800220.html#Sala_das_B%C3%AAn%C3%A7%C3%A3os): *Insegnamenti*, III/1 (1980), pp. 88-92; 148-152; e 428-431.

([17](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref17)) Paulo VI, [*Alocução* ao Movimento «Equipes Notre-Dame» (4 de Maio de 1970)](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1970/documents/hf_p-vi_spe_19700504_notre-dame.html), n. 7: *AAS* 62 (1970), p. 431; uma exaltação análoga da Família de Nazaré, como exemplar absoluto da comunidade doméstica, encontra-se, por exemplo, em Leão XIII, Carta Apost. *Neminem fugit*(14 de Junho de 1892): *Leonis XIII Acta*, XII (1892), pp. 149-150; Bento XV, Motu Proprio *Bonum sane* (25 de Julho de 1920): *AAS* 12 (1920), pp. 313-317.

([18](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref18)) Exort. Apost. [*Familiaris consortio*](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html)(22 de Novembro de 1981), n.17: *AAS* 74 (1982), p.100.

([19](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref19)) *Ibid*., n. 49: *l.c.*, p.140; cf. Conc. Ecum. Vaticano II, Const. dogm. sobre a Igreja [*Lumen gentium*](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html), n.11; Decr. sobre o Apostolado dos leigos [*Apostolicam actuositatem*](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html), n.11.

([20](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref20)) Exort. Apost.[*Familiaris consortio*](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html) (22 de Novembro de 1981), n. 85: *AAS* 74 (1982), pp. 189-190.

([21](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref21)) Cf. S. João Crisóstomo, *In Matth. Hom.*, V, 3: PG 57, 57-58.

([22](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref22)) Paulo VI, *Alocução* (19 de Março de 1966): *Insegnamenti*, IV (1966), p. 110.

([23](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref23)) Cf. *Missale Romanum*, *Collecta* in «Sollemnitate S. Joseph Sponsi B.M.V.».

([24](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref24)) Cf. *Ibid*., *Praefatio* in o Sollemnitate S. Joseph Sponsi B. M. V.».

([25](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref25)) Carta Enc. [*Quamquam pluries*](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15081889_quamquam-pluries.html)(15 de Agosto de 1889): *l.c*., p. 178.

([26](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref26)) Pio XII, *Radiomensagem* aos estudantes das escolas católicas dos Estados Unidos da América (19 de Fevereiro de 1958): *AAS* 50 (1958), p. 174.

([27](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref27)) Origenes, *Hom. XIII in Lucam*, 7:*S. Ch.* 87, pp. 214-215.

([28](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref28)) Origenes, *Hom. XIII in Lucam*, 6: *S. Ch.* 87, pp. 195-197.

([29](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref29)) Cf. *Missale Romanum, Prex Eucaristica*, 1.

([30](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref30)) Sacror. Rituum Congreg., Decr. *Quemadmodum Deus*(8 de Dezembro de 1870): *l.c*., p. 282.

([31](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref31)) *Collectio Missarum de Beata Maria Virgine*, I, «Sancta Maria de Nazareth», *Praefatio*.

([32](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref32)) Exort. Apost. [*Familiaris consortio*](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html) (22 de Novembro de 1981), n. 16: *AAS* 74 (1982), p. 98.

([33](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref33)) Leão XIII, Carta Enc. [*Quamquam pluries*](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15081889_quamquam-pluries.html)(15 de Agosto de 1889):*l.c*., pp. 177-178.

([34](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref34)) Cf. Carta Enc. [*Laborem exercens*](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html) (14 de Setembro de 1981), n. 9: *AAS* 73 (1981), pp. 599-600.

([35](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref35)) *Ibid*., n. 24:*l.c.*, p. 638. Os Sumos Pontífices, nos tempos mais recentes, têm apresentado constantemente S. José como «modelo» dos operários e dos trabalhadores em geral, cf., por exemplo, Leão XIII, Carta Enc. [*Quamquam pluries*](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15081889_quamquam-pluries.html)(15 de Agosto de 1889): *l.c.*, p. 180; Bento XV, Motu proprio *Bonum sane* (25 de Julho de 1920): l.c., pp. 314-316; Pio XII, *Alocução* (11 de Março de 1945), n. 4: *AAS* 37 (1945), p. 72; *Alocução* (1 de Maio de 1955): *AAS* 47 (1955), p. 406; João XXIII, *Radiomensagem* (1 de Maio de 1960): *AAS* 52 (1960), p. 398.

([36](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref36)) Paulo VI, *Alocução* (19 de Março de 1969): *Insegnamenti*, VII (1969), p. 1268.

([37](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref37)) *Ibid*., *1.c*., p. 1267.

([38](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref38)) Cf. S. Tomás de Aquino, *Summa Theol.*, II-II ae, q. 82, a. 3, ad 2.

([39](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref39)) *Ibid*., III, q. 8, a. 1, ad 1.

([40](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref40)) Pio XII, Carta Enc. [*Haurietis aquas*](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_15051956_haurietis-aquas.html) (15 de Maio de 1956), III: *AAS* 48 (1956), pp. 329-330.

([41](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref41)) Cf. S. Tomás de Aquino, *Summa Theol.*, II-II

ae , q. 182, a. 1, ad 3.

([42](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref42)) Cf. Sacror. Rituum Congreg., Decr. *Quemadmodum Deus* (8 de Dezembro de 1870): *l.c*., p. 283.

([43](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref43)) *Ibid*.,*l.c.*, pp. 282-283.

([44](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref44)) Leão XIII, Carta Enc. [*Quamquam pluries*](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15081889_quamquam-pluries.html) (15 de Agosto de 1889): *l.c.*, pp. 177-179.

([45](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref45)) Cf. Exort. Apost. pós-sinodal [*Christifideles laici*](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html) (30 de Dezembro de 1988), n. 34: *AAS* 81 (1989), p. 456.

([46](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref46)) Const. dogm. sobre a Divina Revelação [*Dei Verbum*](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html), n. 1.

([47](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref47)) Paulo, *Alocução* (19 de Março de 1969): *Insegnamenti*, VII (1969), p. 1269.

([48](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref48)) Cf. *Missale Romanum, Collecta*; *Super oblata* in « Sollemnitate S. Joseph Sponsi B.M.V. »; e *Post commun*. in «Missa Votiva S. Joseph».

([49](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref49)) Cf. Leão XIII, «Oratio ad Sanctum Josephum», contida imediatamente a seguir ao texto da Carta Enc. [*Quamquam pluries*](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15081889_quamquam-pluries.html) (15 de Agosto de 1889): *Leonis XIII P.M. Acta, IX* (1890), p. 183.

([50](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html" \l "fnref50)) Sacror. Rituum. Congreg., Decr. *Quemadmodum Deus* (8 de Dezembro de 1870):*l.c.*, p. 282.